

Tudo a mesma coisa

É impressionante a gerontocracia brasileira. Um país de jovens dirigido por velhos que se eternizam no poder. Vão mas quase sempre voltam, idas e vindas que são uma forma de permanecer.

A abertura na Espanha, que também sofre de tentações gerontocráticas, mesmo assim deu oportunidade a uma rotação geracional, a começar pelo Rei e pelos novos líderes com menos de quarenta anos como Adolfo Suárez e os seus adversários de oposição.

Mas aqui o processo simplesmente tende a ressuscitar toda uma série de nomes envelhecidos, dos quais o mais típico é evidentemente Jânio Quadros, um verdadeiro símbolo neste sentido de lentidão de rodízio na liderança. Para não citarmos uma multidão de outros.

Não se trata de novidade.

Quando veio a democratização de 1945, ainda circulavam nomes da República Velha como Otávio Mangabeira, Altino Arantes, Melo Viana. É bem verdade que há velhos e velhos.

Existem antigos líderes com vitalidade intelectual superior a da média dos moços. Afonso Arinos de Mello Franco e Barbosa Lima Sobrinho estão aí como prova. Emulos dos João XXIII, Konrad Adenauer e De Gaulle que alcançaram proventos idades ativamente.

Estamos nos referindo aos velhos velhos, isto é, aos sem renovação do seu recado, quanto mais da sua mensagem.

Até as antigas siglas continuam perambulando por aí. O PTB naturalmente como exemplo. Por que, então, não se ressuscita a UDN, já que o PSD mudou apenas para PDS? Talvez fosse mais prático o retorno do PSP, desde que o adhemarismo não morreu, tem filho e sobrinho herdeiros, além de novos populistas paulistas.

É muito estranho, embora sintomático, tudo isto.

Na verdade, sequer não havendo mudança rápida no processo político brasileiro. A população veio há pouco do campo para as cidades, guarda resquícios muito grandes de temor reverencial perante as elites dominantes, que podem assim demorar ao máximo o seu próprio rodízio interno, sem outros temores diante de ameaças externas, por outra classe desafiante. O que lhe ajuda a estrutura estamental do Estado, montada numa sociedade patrimonialista, outrora fundiária, hoje cada vez mais cartorial através do capitalismo estatal.

Os partidos nunca foram nem de massas nem de quadros, com as honrosas exceções habituais. Cada qual sempre teve donos estadualistas, projetando-se federalmente na medida da força de origem.

Todo mundo sabia: o PSD era basicamente Benedito Valladares. O próprio PTB, Getúlio e Jango. E assim por diante.

E agora?

PDS e PMDB, apesar de tudo, são mais nacionais. O PP e o PT, razoáveis esperanças de partidos mais homogêneos ou menos heterogêneos, o que vem dar quase no mesmo, precisam ir além das suas fortalezas em Minas Gerais, no máximo chegando com impulso total no Rio de Janeiro, e São Paulo. O PDT será ainda mais gaúcho e de um dono só, se perder no Rio. Até o PCB costuma girar em torno de três ou quatro grandes centros urbanos.

E, para consolidarem-se, necessitam de aprofundar seu debate, fazendo convenções mais frequentes, promovendo simpósios e imprimindo livros e revistas. E não só panfletos.

É também verdade que a vigente legislação partidária não ajuda. Apresenta-se muito diminuta a margem de aplicação de dinheiro com o fundo partidário, e menor ainda a possibilidade de arrecadá-lo.

Nos Estados Unidos, gastos em campanha podem ser em grande parte deduzidos do imposto de renda dos doadores. Na Alemanha Federal, as fundações partidárias centralizam as despesas dos candidatos. Na França, eles podem ressarcir-se diretamente por reembolso pelo Estado até certos limites corrigidos periodicamente.

Não só com dinheiro se faz política, mas sem ele não se faz política nenhuma. Os políticos pobres costumam acabar mais pobres ainda, e os ricos terminam empobrecendo. Não há corrupção que dê conta de despesas eleitorais, mesmo com ajudas de terceiros, inclusive dos cofres do Estado por métodos fora do controle da opinião pública.

Daí tender a permanecer os que se estabelecem no mercado político. Vão ficando, até que descambem na senilidade ou morram, apesar de alguns parecerem eternos. Quando morrem, ninguém acredita durante certo tempo. Parecem mais vivos depois de mortos, menos por mérito deles que por demérito dos que vêm substituí-los, por sua vez já bastante surrados pela vida com pouca imaginação.

Incrível país de jovens...

Se nos setores empresarial e gerencial há rotação mais rápida, isto fala menos contra os velhos que a favor deste tipo de moços ávidos por competir. Sem exclusão de patriarcas também na tecnocracia, como Simões Lopes ainda inspirando tantos jovens, ou na empresa privada.

Não estamos misturando velhos com velhos, repitase, para evitar melindres. A atividade intelectual, quando exercida, transmite mesmo vitalidade. Os desafios impulsionam as renovações. A questão é outra. São os velhos defasados que atrapalham. E como!